

O início do relacionamento amoroso sob a perspectiva da moralidade: estudo comparativo entre mulheres de duas gerações

Tatiana Machado Moraes

Antonio Carlos Ortega

Heloisa Moulin de Alencar

Jussara Abilio Galvão

RESUMO

Sob a perspectiva da moralidade, investigamos possíveis diferenças nos discursos de mulheres casadas em períodos distintos (1993 e 2013), sobre como conheceram seus parceiros e os motivos para decidirem iniciar um relacionamento amoroso com eles. Foram entrevistadas 15 mulheres em 1993 e, outras 15, em 2013, de 20 a 30 anos de idade, sem filhos e, de classe média. Priorizamos uma análise qualitativa dos dados e posteriormente realizamos comparação entre os dois grupos. Por meio dos resultados, verificamos que as mulheres entrevistadas em 1993 tendem a enfatizar os próprios sentimentos em relação ao parceiro ao decidir pelo relacionamento, enquanto as de 2013 priorizam as qualidades do companheiro que favorecem a boa convivência e que se aproximam de valores morais. Ademais, a decisão baseada em virtudes morais aumentou nas justificativas das mulheres entrevistadas em 2013, contudo foi pouco mencionada se comparada à frequência de outras justificativas. Consideramos que o presente estudo é relevante no que tange ao levantamento de novos conhecimentos sobre a escolha amorosa e sua relação com a moralidade e, ainda pode contribuir para elaboração de propostas de intervenção que visem a construção de relações respeitadas.

Palavras-chave: moral; virtudes; amor.

ABSTRACT

The beginning of the love relationship from the perspective of morality: a comparative study between women of two generations

We investigated, from the perspective of morality, the different speeches of women living in conjugality in different periods (1993 and 2013) on how they met their partners and the reasons to initiate a loving relationship with them. Fifteen women were interviewed in 1993, and other 15 in 2013. They were between 20-30 years old, childless, and from middle class. We used qualitative analysis, and later we did a comparative analysis of both groups. Results showed that the women interviewed in 1993 tended to emphasize their own feelings in relation to their partner and their maturity when deciding to establish a relationship. While in the other group they prioritized the qualities of their companion that favor a harmonic coexistence. In addition, although little was mentioned, the decision

Sobre os Autores

T.M.M

<http://orcid.org/0000-0003-1530-2768>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES
tatianam.moraes@gmail.com

A.C.O

<http://orcid.org/0000-0003-1059-8002>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES
Email: acortega@terra.com

H.M.A

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8164-3849>
Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES
heloisamoulin@gmail.com

J.A.G

<http://orcid.org/0000-0003-4883-1113>

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória ES
jussaraabgalvao@hotmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que não seja para fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



based on moral virtues increased in the justifications of the women interviewed in 2013. The present study is relevant to the field of new studies on love affair choice and its relation with morality. It also contributes to the design of intervention practices among couples toward the construction of respectful relationships.

Keywords: morality; virtues; love.

No presente estudo temos por objetivo investigar, sob a perspectiva da moralidade, possíveis diferenças entre os discursos de jovens mulheres, que viviam em conjugalidade com homens em períodos distintos, isto é, em 1993 e em 2013. Pesquisamos acerca do início de suas trajetórias amorosas, desde como conheceram seus companheiros até a decisão para dar início ao relacionamento amoroso com eles.

Nosso interesse pelo tema decorre das mudanças ocorridas nas relações amorosas nas últimas décadas, que podem refletir na escolha do parceiro amoroso. Dessa maneira, Del Priore (2012) descreveu que, de meados do século passado até o início deste século, houve um aumento da liberdade feminina para iniciar um relacionamento, bem como para eleger quais critérios elas consideraram relevantes para a decisão de manter ou encerrar a mesma relação. Tal liberdade decorre de uma crescente independência financeira, adquirida frente a maior possibilidade de se desenvolver acadêmica e profissionalmente, aliada a uma flexibilização da expectativa de que a mulher ocupasse exclusivamente o papel de mãe e dona de casa e fosse a única responsável pela manutenção do relacionamento amoroso.

Além do exposto, Coutinho e Menandro (2010) estudaram a significação do casamento para mulheres de diferentes gerações, metade delas casadas na década de 1960 e, a outra metade, nos anos de 1990. Os autores constataram, com base no relato das participantes mais velhas, que o casamento era seu único projeto de vida, cabendo a elas o papel de se desdobrar para garantir a manutenção do matrimônio, inclusive tolerando a infidelidade ou o desrespeito do marido. A dependência financeira dessa geração também se mostrou relevante para a necessidade de manter a relação. Por sua vez, a geração mais recente apontou para um casamento baseado no amor, no respeito e na cumplicidade, a ser coordenado com outros projetos de vida, acadêmicos e profissionais.

Ademais, Secco e Lucas (2015) entrevistaram mulheres financeiramente autônomas, concluindo que sua independência financeira proporciona liberdade

para estabelecer e manter relacionamentos amorosos, cuja duração depende da qualidade da relação. Desse modo, a mulher moderna, mais independente, vê-se capaz de decidir se e com quem deseja estabelecer uma relação, e ainda em quais condições pretende manter tal relacionamento (Coutinho & Menandro, 2010; Del Priore, 2012; Secco & Lucas, 2015).

Além do exposto, o sociólogo Bauman (2004) descreve que nas últimas décadas os relacionamentos amorosos se apresentam fragilizados, pois, sua estabilidade e durabilidade assemelham-se a relações comerciais, nas quais se espera um retorno de todo o esforço investido. Nesse contexto, as relações se mantêm enquanto satisfatórias e podem facilmente ser desfeitas.

De modo coerente, Galvão, Alencar e Alves (2017) investigaram a opinião de mulheres de diferentes gerações acerca de suas expectativas futuras para os relacionamentos amorosos. As autoras constataram que, segundo as entrevistadas, o futuro das relações amorosas será caracterizado pela fragilidade dos vínculos. Ou seja, as participantes afirmaram que os relacionamentos no futuro serão "escorregadios, fúteis, industrializados, (...) e banalizados por causa da facilidade do divórcio" (p.96).

Nesse mesmo sentido, Guedes e Assunção (2006) descrevem que nas relações amorosas **há uma supervalorização do individualismo, que** pode conduzir a relacionamentos banalizados, pois cada um busca por satisfação de suas necessidades, e os parceiros são descartados facilmente. Em contraponto, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) apontaram que tal contexto de fragilidade dos vínculos pode levar as pessoas a valorizarem seu inverso, ou seja, relações que favoreçam a segurança e estabilidade nas mesmas.

Ainda, pode-se acrescentar que o contexto da atualidade não é propício à presença de valores morais dentro dos relacionamentos, pois vivemos uma cultura do tédio e da vaidade (La Taille, 2009). De acordo com La Taille (2009), tal cultura pode ser caracterizada por um achatamento de valores e um "crepúsculo do dever", que resultam em uma diminuição da visibilidade e prestígio de valores morais. O achatamento de valores refere-se a uma alteração constante daquilo que é socialmente valorizado, fenômeno que incide, inclusive, sobre valores morais como a fidelidade, o respeito e o amor. Tal cultura caminha, portanto, para um "crepúsculo do dever", ou seja, um diminuído senso de dever para com a moralidade.

Tal contexto se torna relevante para a pesquisa acerca dos relacionamentos amorosos, uma vez que a presença de virtudes morais favorece o estabelecimento

de relacionamentos respeitosos (Comte-Sponville, 1995/2007; La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994). Definimos aqui virtude moral como traços de personalidade condizentes com a moralidade (La Taille, 2009), que se refiram ao reconhecimento de outrem como ser de valor (Comte-Sponville, 1995/2007), tais como o respeito, a fidelidade, a generosidade, entre outros.

Ademais, a presença do respeito mútuo é fundamental para a construção de relações de cooperação, regidas pela reciprocidade, relações essas fundamentais ao desenvolvimento moral pleno e à prática da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Ainda acrescentamos que o estudo de Besoain et al., (2017) permite identificar que o respeito mútuo pode ser uma importante ferramenta para a boa manutenção da relação amorosa e para a resolução de conflitos.

Outrossim, Gilligan (1982) estudou a moralidade e constatou que a tendência feminina é de inclinar-se a uma ética do cuidado, resultante de uma sensibilidade atenta a singularidades e necessidades específicas de cada pessoa. Essa visão ética promove a preocupação, a dedicação, a compreensão, entre outros valores que promovam o cuidado do outro e de si e favoreçam a noção de responsabilidade para com os relacionamentos.

Além disso, no entender de Comte-Sponville (1995/2007), a prática do amor leva a uma manifestação espontânea de ações morais, pois o amor busca proporcionar o bem ao outro. O autor descreve que o amor pode ser expresso por três formas. O amor **eros**, movido intensamente na procura de algo que ainda lhe falta, seria esse o amor da paixão. Já amor **philia**, é o amor que busca proporcionar o bem ao objeto amoroso, é o amor da partilha e da felicidade. Por fim, o amor **ágape** é o amor divino e altruísta que deseja proporcionar bem a todos, sendo oferecido ao próximo, mesmo a um estranho ou a um inimigo.

A respeito do amor, podemos acrescentar que, dentro das pesquisas da moralidade, ele tem sido descrito como um sentimento por crianças (Alves et al., 2012, 2014), adolescentes (Alves et al., 2015b) e adultos (Alves et al., 2015a), sendo que adolescentes e adultos tendem a relacioná-lo ao amor romântico e às relações amorosas (Alves et al., 2015a, 2015b).

De tal modo, o cenário geral apresentado aponta dois pontos centrais, que podem ser contrapostos. No primeiro, constatamos que o amor e outras virtudes morais, bem como uma ética do cuidado, podem promover relações respeitosas que proporcionam o cuidado para outrem

(Comte-Sponville, 1995/2007; Gilligan, 1982; La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994). O segundo aponta para a cultura que parece ser contrária a tal construção (La Taille, 2009) e favorável a relações frágeis/líquidas e instáveis (Bauman, 2004; Galvão et al., 2017; Guedes & Assunção, 2006). Frente a tal paradoxo, nos últimos anos, muitos pesquisadores vêm se interessando por estudar a escolha amorosa sob diferentes perspectivas.

A respeito disso, estudos têm constatado que o ambiente social em que a escolha amorosa ocorre tem influência sobre a mesma, sendo que, em ambientes descontraídos, homens e mulheres tendem a valorizar características voltadas para atração sexual, que podem ser associados aos relacionamentos mais efêmeros (Altafim et al., 2009). No entanto, os ambientes formais são mais propícios a uma aproximação e construção de intimidade gradual (Barros, 2012; Garcia & Maciel, 2008), sendo a tendência para valorizar atributos voltados a relacionamentos estáveis (Altafim et al., 2009).

Ademais, para a escolha de parceiro(a) amoroso(a), homens e mulheres têm apontado principalmente para as características do parceiro, valorizando que ele seja atencioso, companheiro, sincero, responsável, compreensivo, comprometido, respeitoso, paciente, fiel, entre outros atributos desejáveis (Brito et al., 2009; Correa, 2011; Garcia & Maciel, 2008; Guelfi et al., 2006; Silva et al., 2017; Smeha & Oliveira, 2013; Zordan et al., 2009).

Muitas dessas características têm sido apontadas pela literatura como favoráveis tanto a formação de vínculos, quanto para a manutenção do relacionamento (Almeida, 2008; Arias & Polizzi, 2013; Brito et al., 2009; Correa, 2011; Guelfi et al., 2006; Silva et al., 2017; Smeha & Oliveira, 2013) e capazes de promover a satisfação pessoal (Almeida, 2008).

Além disso, Hatakeyama et al., (2017) identificaram que a própria definição de relacionamento amoroso pode ser compreendida para jovens adultos como relação de confiança, confidencialidade e cumplicidade com alguém, e para idosos como o estabelecimento de respeito, companheirismo, tolerância e compromisso.

Algumas das qualidades destacadas, como o respeito e a fidelidade (Garcia & Maciel, 2008; Guelfi et al., 2006; Smeha & Oliveira, 2013), podem ser apontadas como virtudes morais compatíveis com relações respeitosas (Comte-Sponville, 1995/2007; La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994). Sob o ponto de vista da moralidade, a fidelidade pode ser definida como uma disposição

para manter-se firme (ou leal) aos valores firmados no passado. Já a infidelidade do casal, de acordo com Comte-Sponville (1995/2007), diz respeito à quebra, não só da exclusividade entre os envolvidos, mas da verdade oferecida à outra parte.

Além desse aspecto, a escolha amorosa também foi apontada como fruto de sentimentos, como o amor ou a paixão, e da atração sexual, dos quais resultariam a primeira troca de olhares, a aproximação inicial e o crescente desejo de estar junto (Almeida, 2008; Brito et al., 2009; Zordan et al., 2009), enquanto que a baixa expressão emocional dentro da relação foi apontada por Fonseca e Duarte (2014) como fonte de conflitos na relação. Dessa forma, a relação perdurará enquanto puder ser sustentada pelo amor, pela paixão ou satisfação sexual (Almeida, 2008; Brito et al., 2009; Zordan et al., 2009).

Entretanto, Silva et al. (2017) ressaltam, com base no relato de 25 casais com mais de 30 anos de união conjugal, que a paixão amorosa com o tempo vai adquirindo outros elementos, como a tolerância, a paciência, a compreensão. Arias e Polizzi (2013) também conferiram que, na percepção dos idosos, com o passar dos anos, a relação amorosa se fortaleceu e se consolidou, e a paixão cedeu espaço para o companheirismo.

Ainda podemos acrescentar que, de acordo com Almeida (2004), a admiração também pode ser considerada como importante fator na formação do vínculo afetivo, uma vez que dela nasce o amor, e que ela aponta para características que se deseja incorporar a si, incorporação essa realizada por meio da formação de uma unidade amorosa (Almeida, 2004, 2008).

Outros fatores destacados para a escolha amorosa têm sido as afinidades e diferenças existentes entre o casal. As afinidades diriam respeito a semelhanças de ideias, valores e objetivos (Silva et al., 2010; Zordan et al., 2009), propiciando a identificação entre o casal e a promoção de diversos reforços positivos para os envolvidos (Almeida, 2004). Já as diferenças referem-se à complementaridade proporcionada entre o casal, em que ambos possuem qualidades diferentes que, somadas, tornam o casal mais forte e mais apto a alcançar objetivos comuns (Almeida, 2004, 2008; Silva et al., 2010).

Diante das mudanças que vêm ocorrendo nas últimas décadas (Coutinho & Menandro, 2010; Del Priore, 2012) e do contexto contemporâneo pouco propício a relacionamentos estabelecidos entre iguais

(Bauman, 2004; Guedes & Assunção, 2006; La Taille, 2009), consideramos relevante compreender, segundo a psicologia da moralidade, os fatores que têm influenciado a decisão para se relacionar com um parceiro específico. Por conseguinte, segue a descrição do método utilizado, bem como dos resultados alcançados na presente investigação.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Para a presente análise foram entrevistadas 30 mulheres heterossexuais de 20 a 30 anos de idade, que viviam em conjugalidade com homens, sem filhos, e pertencentes à classe média. As participantes estavam divididas em dois grupos: o primeiro constituído por 15 mulheres residentes no Rio de Janeiro (RJ), que foram entrevistadas por Alencar em 1993, e o segundo por outras 15 mulheres da Grande Vitória (ES), que foram entrevistadas em 2013.

Salientamos ainda que a maior parte das mulheres entrevistadas exercia atividade profissional no momento da pesquisa (12 participantes de 1993 e 13 de 2013). Ademais, 13 delas estavam em processo de formação acadêmica (5 de 1993 e 8 de 2013), e as outras 17 já haviam concluído sua formação profissional (10 de 1993 e 7 de 2013). Percebemos, portanto, que as participantes de ambas as gerações apresentavam características de desenvolvimento acadêmico e profissional.

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA

Todas as participantes foram entrevistadas individualmente, com base em um roteiro semiestruturado desenvolvido por Alencar, em 1993, destinado a investigar a caracterização das entrevistadas, bem como a história da trajetória amorosa das participantes, requerendo a cada mulher que relatasse como conheceu seu atual companheiro conjugal e por que decidiu iniciar um relacionamento amoroso com ele.

Todas as entrevistas tiveram seus áudios gravados e posteriormente transcritos. Foram empregados nomes fictícios para as participantes, a fim de garantir sua não identificação. Para as entrevistadas de 1993 foram indicados nomes fictícios iniciados com a letra "P", e

as de 2013 com a letra “A”. As participantes de 2013 assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética da Universidade Federal do Espírito Santo, e foram seguidos os procedimentos éticos previstos pela Resolução nº 466\2012 (Ministério da Saúde, 2012) do Conselho Nacional de Saúde. Na ocasião, das entrevistas realizadas em 1993, seguindo a legislação em vigor, as participantes emitiram consentimento verbal para participação da pesquisa aqui referida.

TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram reunidos e analisados por meio da organização de categorias de análise de acordo com o que é proposto por Delval (2002). Ou seja, foi realizada a leitura atenta e repetida de todas as respostas até que fossem identificadas tendências gerais de tipos de respostas, a partir das quais foram elaboradas as principais categorias que descrevessem as explicações emitidas pelas entrevistadas. Após essa elaboração, foi realizada contagem de frequência de respostas a fim de permitir comparar com mais clareza as mudanças nas concepções entre os grupos pesquisados.

Para apresentação e discussão dos dados, organizamos os mesmos em uma tabela e identificamos as frequências de respostas de 1993 e de 2013. A seguir apresentaremos os resultados gerais e destacaremos as diferenças relevantes entre as mulheres entrevistadas das duas gerações. Consideramos relevantes as diferenças entre os anos nos quais as mulheres foram entrevistadas quando eram mais evidentes, ou seja, no caso do presente artigo, quando o percentual de respostas de cada grupo apresentou discrepância maior que cinco por cento.

Para apresentação dos resultados a seguir, ressaltamos que foi permitido às participantes emitirem quantas respostas achassem necessárias, de modo que as descrições apresentam o número de justificativas emitidas (n), e não o número de participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente pedimos às mulheres entrevistadas que relatassem sua trajetória amorosa, quando as mulheres afirmaram que conheceram seus parceiros em ambientes formais (n = 18), sendo que dessas, 12 foram em ambiente acadêmico, três em igreja, e outros três em local de trabalho. Ou ainda os conheceram em ambientes informais (n = 12), tais como festa (n = 6), praia (n = 1), cinema (n = 1), terminal rodoviário (n = 1), ou ambientes informais não especificados (n = 3). É interessante salientar que não houve diferenças relevantes entre as mulheres das duas gerações no que concerne a forma que conheceram seus parceiros, ou seja, a distribuição entre os diferentes tipos de ambientes se deu de forma equilibrada entre os dois grupos.

Quando as mulheres conheceram seus parceiros em ambientes informais, em sua maioria iniciaram o relacionamento amoroso dentro de um curto espaço de tempo, ou seja, de modo mais rápido (n = 8), e as outras (n = 4) o fizeram em um maior período de tempo, gradualmente. Já entre aquelas mulheres que conheceram seus parceiros em ambientes formais (n = 18), a tendência foi de desenvolver um relacionamento de forma gradual (n = 16). O resultado parece confirmar dados da literatura, uma vez que Garcia e Maciel (2008) e Barros (2012), apontam que ambientes formais podem ser propícios para a construção de relacionamentos amorosos de forma gradual, dado que permite a descoberta de afinidades e a construção de uma intimidade por meio da convivência regular.

Em seguida, questionamos às mulheres os motivos para decidir dar início a um relacionamento com o atual parceiro amoroso e elas emitiram 146 justificativas. Reunimos os motivos mencionados e estabelecemos sete categorias, conforme dados apresentados na Tabela 1. A organização da tabela foi realizada de modo a facilitar a descrição e discussão dos resultados, iniciando por quatro categorias que reúnem características do parceiro, seguida de duas que contêm aspectos relacionados às próprias mulheres, de outra categoria referente a aspectos do casal e na sequência uma categoria a respeito da concepção de outras pessoas. Por último, foram mencionados outros argumentos que não puderam ser reunidos em categorias semelhantes.

Tabela 1. Justificativas para dar início ao relacionamento amoroso

Categorias	1993		2013		TOTAL	
	(n)	(%)	(n)	(%)	(n)	(%)
1) Características do parceiro que favorecem a boa convivência	23	34,33	33	41,77	56	38,36
2) Características do parceiro que contribuem com a capacidade de prover	11	16,42	9	11,39	20	13,70
3) Características do parceiro que se aproximam de valores morais	1	1,49	9	11,39	10	6,85
4) Outras características do parceiro	0	0,00	7	8,86	7	4,79
5) Sentimentos próprios	12	17,91	3	3,80	15	10,27
6) Maturidade pessoal	4	5,97	0	0,00	4	2,74
7) Afinidades e diferenças entre o casal	7	10,45	10	12,66	17	11,64
8) A concepção dos outros sobre ele	3	4,48	0	0,00	3	2,06
9) Outros	6	8,95	8	10,13	14	9,59
TOTAL	67	100	79	100	146	100

Características do parceiro que favorecem a boa convivência apontaram como motivo para iniciar um relacionamento, diferentes atributos pessoais de seus parceiros que poderiam favorecer convivência do casal, como ser carinhoso, gentil, educado, tranquilo, atencioso, solícito, simpático, divertido, maduro, comprometido, responsável, compreensivo e sincero. Esse tipo de argumento foi amplamente mencionado pelas mulheres dos dois tempos, sendo mais predominante entre as participantes de 2013.

Constatamos que as mulheres que iniciaram um relacionamento em ambiente formal apresentaram maior tendência de valorizar as características do homem que favorecem a boa convivência se comparadas às mulheres que iniciaram o relacionamento em ambiente informal. Quanto a isso, Altafim et al. (2009) afirmaram que em ambientes formais, homens e mulheres tendem a valorizar atributos voltados a relacionamentos estáveis.

Algumas das características levantadas pelas participantes já foram consideradas em outras pesquisas como a própria definição de relacionamento amoroso, como ser comprometido e respeitoso (Hatakeyama et al., 2017). Além disso, a maior parte das características masculinas que foram incluídas nesse tipo de explicação são apontadas na literatura como propícia para a formação de vínculo e manutenção de

um relacionamento duradouro, como ser atencioso, compreensivo, comprometido, sincero, responsável e maduro (Almeida, 2008; Arias & Polizzi, 2013; Brito et al., 2009; Correa, 2011; Guelfi et al., 2006; Hatakeyama et al., 2017; Silva et al., 2017; Smeha & Oliveira, 2013). Além disso, pesquisas anteriores já obtiveram dados semelhantes quando adultos apontaram que, para a escolha amorosa, valorizam parceiros que possam ser companheiros (Brito et al., 2009; Correa, 2011; Guelfiet al., 2006; Zordan et al., 2009), maduros, carinhosos (Garcia & Maciel, 2008), responsáveis, sinceros e atenciosos (Correa, 2011; Smeha & Oliveira, 2013).

Ademais, percebemos que as participantes manifestaram apreço por algumas características que remetem à ética do cuidado descrita por Gilligan (1982) ao valorizarem as capacidades de ser atencioso, solícito, comprometido, responsável e compreensivo, que podem promover o cuidado para com o outro.

O motivo **características do parceiro que contribuem com a capacidade de prover**, remete a atributos do homem que poderiam auxiliar sua aptidão de tornar-se um bom provedor, como a disposição para trabalhar e estudar, inteligência, ou ainda por sua capacidade de transmitir segurança e proteção para a companheira. Esse tipo de argumento foi ressaltado por ambas gerações, com frequência pouco maior entre as mulheres de 1993.

Segundo a literatura, esses atributos foram valorizados no passado, quando era atribuído ao homem o papel de provedor do lar (Del Priore, 2012) e continuam a serem valorizados nos dias atuais, uma vez que a independência financeira masculina pode proporcionar maior afinidade de ideias e objetivos com mulheres independentes (Secco & Lucas, 2015).

É válido ressaltar que 25 das 30 entrevistadas exerciam atividade profissional no momento da pesquisa e que 17 delas já possuíam formação profissional e outras 13 participantes ainda estudavam. Desse modo, percebemos que nossas participantes, em sua maioria, possuíam características favoráveis a sua própria capacidade de prover sustento financeiro. Por esse motivo, consideramos ser possível que os argumentos que valorizam a capacidade de prover masculina possam estar apontando para a busca por um companheiro com quem possam compartilhar afinidades e responsabilidades financeiras, e não de quem dependerão totalmente financeiramente.

Outra explicação é referente a **características do parceiro que se aproximam de valores morais**, ou seja, foram mencionados atributos do homem que sinalizam virtudes morais dele como justificativa para dar início a um relacionamento. Os valores morais mencionados foram o respeito, a fidelidade, a paciência e o amor como virtude. Dizemos que pertencem ao campo moral, pois remetem a formas respeitadas de relacionamento (La Taille, 2009; Piaget, 1932/1994), em que o outro necessariamente é reconhecido como ser de igual valor (Comte-Sponville, 1995/2007).

Percebemos que as virtudes morais foram mencionadas com uma baixa frequência se comparadas ao total de justificativas emitidas pelas mulheres, o que pode ser coerente com o crepúsculo do dever inerente à atualidade (La Taille, 2009) e com os relacionamentos amorosos descritos por Bauman (2004) e Guedes e Assunção (2006), cuja função é de garantir uma satisfação pessoal, o que não necessariamente envolveria valores morais, uma vez que estes dizem respeito a relações entre iguais, e não relações que busquem exclusivamente vantagens pessoais.

Ainda é válido ressaltar que esse tipo de argumento foi mais predominante entre as mulheres entrevistadas em 2013, evidenciando que tal característica parece ter recebido maior destaque nos últimos anos. Consonantes com os nossos dados, Coutinho e Menandro (2010) também constataram, em sua pesquisa, uma valorização da fidelidade e do respeito como requisito para o relacionamento amoroso dentre as mulheres casadas na

década de 1990.

Por outro lado, para aquelas casadas em 1960, a união amorosa deveria durar por toda a vida, mesmo que a fidelidade e o respeito estivessem ausentes na relação. Ou seja, com base no estudo de Coutinho e Menandro (2010) e nos relatos das nossas entrevistadas, nos últimos anos as mulheres parecem estar cada vez mais exigentes quanto à presença da fidelidade e do respeito no relacionamento.

Nesse mesmo sentido, Blandón-Hincapié e López-Serna (2016) afirmam que o contexto de instabilidade dos relacionamentos da atualidade pode estar levando as pessoas a buscarem pelo seu oposto, isto é, valorizar relacionamentos que reflitam segurança para os envolvidos. Consideramos que novos estudos devem ser realizados a respeito da relação entre percepção da fragilidade dos vínculos e da valorização dos mesmos na escolha amorosa.

Quanto à menção do respeito, podemos lembrar que, de acordo com Besoain et al. (2017) o respeito mútuo tem grande importância para a resolução de conflitos na relação. Ademais, é possível que tal escolha esteja indicando uma tentativa de construir uma relação de cooperação, uma vez que o respeito mútuo é apontado por Piaget (1932/1994) como característica fundamental das relações entre iguais regidas pela reciprocidade, na qual a autonomia moral pode ser exercida por todos os envolvidos. Consideramos importante que sejam realizadas pesquisas acerca do tipo de respeito (unilateral ou mútuo) evocado na escolha do parceiro amoroso, bem como da forma como são estabelecidos dentro do relacionamento amoroso.

Já no que se refere ao amor como valor moral, salientamos que nesse tipo de resposta, as participantes enfatizaram o amor como um valor do companheiro, como ilustrado no relato de Alice "**Tem valores como (...) o amor ao próximo, sabe?**", o que diferencia esse tipo de resposta do amor como um sentimento, que mencionaremos nos resultados a seguir. O amor enquanto valor mencionado pelas participantes parece remeter ao amor ágape descrito por Comte-Sponville (1995/2007), que é um amor divino, universal e altruísta.

As entrevistadas de 2013 ainda mencionaram **outras características do parceiro**, que envolveram qualidades muito diferentes entre si, como o fato do parceiro ser religioso, ou ainda por ser bonito ou elegante. As quatro primeiras categorias apresentadas somam 93 das 143 justificativas totais e todas recorrem às características pessoais do parceiro como fundamento para a escolha

amorosa, evidenciando que as mulheres entrevistadas têm se mostrado bastante criteriosas quanto às qualidades masculinas para a escolha de um parceiro.

Outra explicação foi pautada nos **sentimentos próprios** quanto ao parceiro, como motivo para dar início ao relacionamento amoroso, sendo que esta foi mencionada de forma mais predominante entre as mulheres de 1993. Identificamos, portanto, que as mulheres dessa época deram maior ênfase aos próprios sentimentos para dar início a um relacionamento amoroso, se comparadas às entrevistadas do momento atual.

Desse modo, essas mulheres apontam que decidiram iniciar a relação devido à aquilo que elas sentem. Desse modo, foram mencionados sentimentos (sentimentos inespecíficos, paixão, amor e felicidade) e ainda a atração física e admiração que ela sentia por ele. De tal forma, indo ao encontro desse resultado, Zordan et al. (2009) identificaram que entre adultos, os sentimentos, em especial o amor, têm sido apontados como fundamental para dar início ao namoro. Por outro lado, a ausência de expressões emocionais está relacionada ao surgimento de conflitos entre namorados (Fonseca & Duarte, 2014).

Nesse caso, as participantes se referem ao amor como um sentimento que tinham em relação ao homem, como ilustra a fala de Paloma “**Mas eu, eu senti nesse momento (...) uma coisa de muito amor**”. Pesquisas também indicam que o amor é concebido como um sentimento desde a infância (Alves et al., 2012, 2014), sendo associado a relacionamentos amoroso por adolescentes (Alves et al., 2015b) e adultos (Alves et al., 2015a).

As formas de amor que foram relatadas nas entrevistas podem ser aproximadas do amor **eros** que Comte-Sponville (1995/2007) relata, pois esse é o amor intenso que remete à paixão descrita pelas entrevistadas. Além disso, percebemos traços que se assemelham ao amor **philia**, que correspondente ao amor que gera felicidade pela presença do ser amado, sendo essa felicidade também mencionada entre as participantes. Verificamos assim, o entrelaçamento entre amor, paixão e alegria, ou o vínculo entre **eros** e **philia**, pois, no entender do referido autor, podemos “amar apaixonadamente, ao mesmo tempo em que alegremente” (p. 275).

As entrevistadas assinalaram ainda a admiração que sentiam pelo companheiro, o que poderia ser esperado, uma vez que, de acordo com Almeida (2008), a admiração pode constituir um princípio necessário à seleção de um parceiro. Segundo esse último autor, além disso, da

admiração pode nascer o amor e o desejo de estabelecer um laço afetivo, pois ela aponta para características que almeja para si, as quais se deseja incorporar por meio da formação da unidade amorosa (Almeida, 2004, 2008).

Algumas participantes de 1993 descreveram que a decisão foi baseada na **maturidade pessoal**, como ilustra a fala de Paloma: “**Foi quando eu atingi uma maturidade (...) comigo mesma**”. Dessa forma, se nas primeiras categorias encontramos características pessoais do parceiro, nas duas últimas (**sentimentos próprios** e **maturidade pessoal**) verificamos exclusivamente características da própria mulher como fundamento para escolher um parceiro amoroso.

Diante dos dados constados na presente pesquisa, identificamos que as mulheres da geração passada manifestam maior inclinação para estabelecer um relacionamento pautadas em seus próprios sentimentos, sendo este um critério que pode ser considerado mais pessoal. Por sua vez, na geração mais nova parece crescer a propensão pela seleção baseada nas características pessoais do companheiro. Assim, as entrevistadas de 2013 se mostraram mais exigentes com as capacidades individuais do companheiro de manter uma boa convivência e de estabelecer um relacionamento respeitoso por meio de valores morais.

Esses resultados podem ser coerentes com os escritos de Del Priore (2012), uma vez que, no passado recaia sobre a mulher a responsabilidade de manter o relacionamento, e nesse sentido consideramos que seria razoável que as mulheres, algumas décadas atrás, se pautassem nas próprias características (sua maturidade, por exemplo) e em seus sentimentos para iniciar um relacionamento, como foi indicado em nossa pesquisa, uma vez que seria sua responsabilidade garantir também a manutenção do mesmo.

No entanto, de acordo com Del Priore (2012), nos últimos anos a responsabilidade pela manutenção do relacionamento começou a recair sobre ambos. Isso parece ser coerente com uma escolha do parceiro que se pautem mais nas características e naquilo que ele tem a oferecer dentro do relacionamento, como constatamos entre nossas entrevistadas. Ademais, a referida autora descreve que a crescente autonomia que a mulher vem conquistando na sociedade permite que ela seja mais criteriosa ao decidir com quem estabelecerá e manterá um relacionamento amoroso, o que também pode explicar porque as entrevistadas de 2013 apresentam-se mais criteriosas quanto às características do parceiro em sua escolha amorosa.

Outro motivo declarado para dar início ao relacionamento foram **afinidades e diferenças entre o casal**, sendo 13 justificativas que enfatizavam afinidades, e apenas quatro diferenças. As afinidades versaram sobre projetos de vida, objetivos profissionais e financeiros, hábitos, gostos e valores semelhantes. Já as diferenças deram ênfase às características destoantes ou opostas que os tornava melhores enquanto casal, pois proporcionavam equilíbrio e complementaridade.

Destacamos que esta categoria faz menção a aspectos do casal, ou seja, estabelecem uma relação entre os dois envolvidos, falando daquilo que é comum a ambos. De modo diferente, as categorias anteriormente descritas faziam referência a aspectos pessoais, ora envolvendo as características do parceiro, ora os sentimentos e maturidade das mulheres.

Resultado semelhante foi encontrado por Silva et al. (2010) e Zordan et al. (2009), que constataram que, para adultos, as afinidades entre o casal constituem motivação para decisão para o casamento, assim como as diferenças complementares. Segundo Almeida (2004), as afinidades e diferenças complementares auxiliam para que objetivos comuns e satisfações pessoais sejam alcançados com maior facilidade. Postas as principais discussões quanto a escolha de iniciar o relacionamento amoroso, seguiremos as considerações finais que pudemos tecer acerca dos resultados obtidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As participantes conheceram as pessoas com quem convivem em conjugalidade principalmente em ambientes formais, o que proporcionou notadamente uma aproximação gradual do casal. Algumas entrevistadas também conheceram seus respectivos parceiros em ambientes informais, quando foi mais propícia uma aproximação rápida entre os envolvidos.

Constamos também que os principais argumentos apontados pelas mulheres para dar início a um relacionamento amoroso pautam-se nas características do parceiro, de forma mais predominante entre as entrevistadas em 2013, que enfatizaram mais as características que favorecem a boa convivência e que se aproximam de valores, enquanto que as de 1993 mencionaram um pouco mais as características que contribuem com a capacidade de prover. Desse modo, verificamos que as mulheres entrevistadas no presente têm se mostrado bastante criteriosas quanto

às capacidades pessoais do companheiro amoroso de favorecer uma boa convivência e de promover relações respeitadas.

Frente a todas justificativas postas para dar início a um relacionamento, as virtudes morais têm sido mencionadas com frequência muito baixa. Por outro lado, a menção às virtudes morais aumentou entre as entrevistadas de 2013, evidenciando um possível movimento de resgate à valorização das virtudes na escolha amorosa, mesmo que ainda pouco frequente. Ora, é possível que, assim como descrito por Blandón-Hincapié e López-Serna (2016), o atual contexto de instabilidade das relações amorosas (Bauman, 2004; Galvão et al., 2017; Guedes & Assunção, 2006) esteja levando a um aumento na busca por valores que reflitam maior segurança no relacionamento, tal como valores de fidelidade, respeito, paciência e amor.

A indicação do respeito como uma justificativa para dar início a um relacionamento pode estar indicando a tentativa de se construir relações de cooperação baseadas no respeito mútuo e propícias ao exercício da autonomia moral (Piaget, 1932/1994). Desse modo, é importante que sejam realizados estudos que investiguem os tipos de respeito relacionados aos critérios de escolha amorosa, bem como os tipos de relações que se busca estabelecer por meio dele.

Acrescentamos a isso a diminuição da ênfase nos sentimentos e características próprias para a decisão de iniciar um namoro, uma vez que as mulheres o fizeram de forma mais predominante em 1993 do que em 2013. Assim, percebemos que as mulheres de 1993 enfatizaram um critério que pode ser considerado mais pessoal, que são seus próprios sentimentos, enquanto que as de 2013 destacaram principalmente as características pessoais dos parceiros, que favorecem a boa convivência e que se aproximam dos valores morais.

É válido ressaltar ainda que, de uma forma geral, grande parte dos argumentos das mulheres se pautou nas características do parceiro, em seus próprios sentimentos, ou ainda em sua maturidade, dando grande ênfase a aspectos pessoais próprios das mulheres entrevistadas ou nas características pessoais dos parceiros. É apenas na justificativa relacionada às afinidades e diferenças que encontramos referência a aspectos que façam menção ao casal, salientando características semelhantes ou opostas ao considerar os dois de forma conjunta.

Por fim, a literatura indica que diferentes aspectos da escolha amorosa, como a escolha baseada nas características do companheiro, baseada nos próprios

sentimentos e na valorização das afinidades e diferenças do casal (Almeida, 2004, 2008; Zordan et al., 2009), aspectos esses indicados por nossas participantes, podem estar apontando de variadas formas para a busca da satisfação pessoal. Tal interpretação é favorável à análise do amor proposta por Bauman (2004) e Guedes e Assunção (2006), que propiciam a construção de relacionamentos frágeis e instáveis. Contudo, ressaltamos que tal relação com a satisfação pessoal não pôde ser observada nos argumentos emitidos na presente pesquisa. Sugerimos que novas pesquisas sejam realizadas a respeito da relação entre as justificativas para iniciar um relacionamento amoroso e a busca de satisfação.

Consideramos que o estudo acerca dos relacionamentos amorosos na atualidade pode trazer importantes contribuições, tanto no que tange a compreensão de como tais escolhas podem relacionar-se com a moralidade como na elaboração de propostas de intervenção para o fortalecimento de relacionamentos baseados em formas respeitadas que permitam a prática da autonomia moral.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída como se segue:

H. M. A. contribuiu com a administração do projeto, conceitualização, investigação, metodologia do artigo; H. M. A. e J. A. G. foram responsáveis pela coleta de dados; J. A. G. e T. M. M. foram responsáveis pela tabulação inicial dos dados; Todos os autores foram responsáveis pela Análise formal dos dados; T. M. M. foi responsável pela redação inicial do artigo, H. M. A. e A. C. O foram responsáveis pela supervisão, e todos os autores são os responsáveis pela redação final (revisão e edição).

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia*, 22(1), 15-22.
- Almeida, T. (2008, 14 de novembro). Fatores que influenciam o desenvolvimento do namoro. Anais da VI Jornada Apoiar: Saúde mental e violência: Contribuições no campo da Psicologia Clínica Social, São Paulo, SP. <http://www.artigonal.com/relacoes-amorosas-artigos/fatores-que-influenciam-o-desenvolvimento-do-namoro-735930.htm>
- Altafim, E. R. P., Lauandos, J. M., & Caramaschi, S. (2009). Seleção de parceiros: Diferenças entre gêneros em diferentes contextos. *Psicologia Argumento*, 27(57), 117-129.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., & Ortega, A. C. (2012). Exemplos sobre a importância do amor: Estudo com crianças no contexto da moralidade. *Temas em Psicologia*, 20(1), 261-272.
- Alves, A. D., Alencar, H. M. D., & Ortega, A. C. (2014). Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9 anos. *Revista Psicopedagogia*, 31(94), 21-34.
- Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015a). Concepção de amor e moralidade: estudo sob a ótica de jovens adultas. *Revista de Ciências Humanas e Artes [Online]*, 21(1), 105-131. <http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/>
- Alves, A. D., Alencar, H. M., Ortega, A. C., Galvão, J. A., & Fonseca, T. P. (2015b). Estudo exploratório acerca da concepção do amor e possibilidade de amar para adolescentes. *Ciência & Desenvolvimento-Revista Eletrônica da FAINOR*, 8(1), 158-173. srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/353/225
- Arias, C. J., & Polizzi, L. (2013). The couple relationship – support functions and sexuality in old age. *Journal Kairós Gerontologia*, 16(1), 27-48.
- Barros, J. (2012). Relações amorosas no local de trabalho: Eu e os outros [Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE-IUL. <http://hdl.handle.net/10071/6368>

- Bauman, Z. (2004). Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humano (C. A. Medeiros, Trad.). Jorge Zahar.
- Besoain, A. C., Sharim, K. D., Carmona, S. M., Bravo, V. D., & Barrientos, D. J. (2017). Sin conflicto y sin deseo: Las tensiones de la individualización em la experiencia de pareja de jóvenes chilenos. *Revista CES Psicología*, 10(1), 109-128.
- Blandón-Hincapié, A. I., & López-Serna, L. M. (2016). Comprensiones sobre pareja em la actualidad: Jóvenes em busca de estabilidad. *Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 505-517. <http://dx.doi.org/10.11600/1692715x.14134271014>
- Brito, R. C. S., Silva Júnior, M. D., & Henriques, A. L. (2009). Critérios de escolha de parceria amorosa em mulheres climatéricas e menopausadas. *Revista do NUFEN [online]*, 1(2), 55-74. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200005&lng=pt&tlng=pt
- Comte-Sponville, A. (2007). *Pequeno tratado das grandes virtudes* (E. Brandão, Trad.). Martins Fontes. (Obra original publicada em 1995)
- Correa, H. V. V. (2011). Critérios utilizados na seleção de parceiras amorosas em relacionamentos de curto e longo prazo entre mulheres de orientação homossexual em idade reprodutiva [Tese de doutorado, Universidade Federal do Pará]. Repositório UFPA. http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/5346/1/Dissertacao_CriteriosUtilizadosSelecao.pdf
- Coutinho, S. M. D. S., & Menandro, P. R. M. (2010). Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure". *Psicologia clínica*, 22(2), 83-106. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652010000200007>
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. Contexto.
- Delval, J. (2002). Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças (F. Murad, Trad.). Artmed. (Obra original publicada em 2001)
- Fonseca, S. A., & Duarte, C. M. N. (2014). Do namoro ao casamento: significados, expectativas, conflito e amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 135-143. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000200002>
- Galvão, J. A., Alencar, H. M. D., & Alves, A. D. (2017). Perspectivas futuras sobre os relacionamentos amorosos de mulheres de duas diferentes gerações. *Pensando famílias [online]*, 21(2), 89-104. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000200008&lng=es&tlng=pt
- Garcia, A., & Maciel, M. G. (2008). A influência da religião na busca do futuro cônjuge: um estudo preliminar em comunidades evangélicas. *Psicologia: teoria e prática*, 10(1), 95-112.
- Gilligan, C. (1982). *Uma voz diferente* (N. C. Caixeiro, Trad.). Rosa dos Tempos.
- Guedes, D., & Assunção, L. (2006). Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 6(2), 396-452.
- Guelfi, E. C., Frasson, C. A., & Baltazar, J. A. (2006). Análise dos fatores que levaram à escolha do cônjuge em indivíduos pesquisados na cidade de Londrina e região. *Terra e Cultura*, 22(43), 83-91.
- Hatakeyama, N. H., Almeida, T., & Falcão, D. V. S. (2017). Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. *Revista Kairós Gerontologia*, 20(2), 271-292. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i2p271-292>
- La Taille, Y. (2009). *Formação ética: Do tédio ao respeito de si*. Artmed.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. (4a ed.) (E. Lenardon, Trad.). Summus. (Obra original publicada em 1932)
- Ministério da Saúde (2012). Resolução 466/2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Secco, M. L., & Lucas, M. G. (2015). A vida amorosa de mulheres financeiramente independentes. *Pensando famílias*, 19(1), 61-76. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100006&lng=pt&tlng=pt

- Silva, I. M. D., Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2010). Em busca da "cara-metade": motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de psicologia*, 27(3) 383-391. <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98803>
- Silva, L. A., Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2017). Casamentos de longa duração: Recursos pessoais como estratégias de manutenção do laço conjugal. *Psico-USF*, 22(2), 323-335. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712017220211>
- Smeha, L. N., & Oliveira, M. V. D. (2013). Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicologia: teoria e prática*, 15(2), 33-45.
- Zordan, E. P., Falcke, D., & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2009v15n2p56>

Data de submissão: 17/04/2018
Primeira decisão editorial: 08/11/2018
Aceite em 25/04/2019